

## O Menino e as Letras em *Infância*, de Graciliano Ramos

Ilca Vieira de OLIVEIRA<sup>1</sup>

Universidade Estadual De Monte Claros

### Resumo:

No presente texto faremos uma leitura de *Infância*, de Graciliano Ramos, levando em conta a relação que existe entre o menino e o mundo das letras, considerando o processo de aprendizagem, de amadurecimento e de compreensão da linguagem através de uma experiência de dor e angústia. Em *Infância* as fronteiras entre o tecido ficcional e referencial se misturam na tessitura narrativa, pois o sujeito empírico recria o passado e procura dar-lhe sentido. O passado do menino entre os seus familiares, principalmente no convívio como os pais e os irmãos, surge através do resgate da memória do escritor adulto. Ao descrever a insignificância do homem frente às circunstâncias da vida, o narrador apresenta-nos o primeiro contato da criança com as letras, descrevendo a experiência árdua que ela teve com as “malditas letras”; entretanto, o prazer de “decifrá-las só acontece na vida da criança quando o texto se torna “objeto proibido” que seduz e desperta curiosidade e interesse.

**Palavras-Chave:** Infância – leitura – aprendizagem.

### SUMMARY:

In this present work we will focus “Infância” (Childhood) by Graciliano Ramos, taking into consideration the relationship between a boy and the Letters’ world, concerning his learning process, his getting mature and his language understanding, through an experience of pain and anguish. In “Infância”, the barriers between the fictional referential tissues are mixed in the narrative tissue, for the empiric subject recreates the past and looks for a meaning. The boy’s past with his family, mainly while living with his parents and brothers, appears through the adult writer’s memory’s rescue. When describing the insignificance of man before life’s circumstances, the narrator presents us the child’s first contact with the letters, describing the hard experience that he had with the “damned letters”. However, the pleasure of “deciphering them only happens in the child’s life when the text becomes the “forbidden object” that seduces and arouses curiosity and interest”.

**KEY-WORDS:** Childhood – reading – learning.

“Agora não alcançava esse engano. As três manchas verticais, úmidas de lágrimas, estiravam-se junto à mão doída, as letras renitentes iriam afligir-me dia e noite, sempre” (*Infância*. Graciliano Ramos. p. 99).

No livro *Infância*, de Graciliano Ramos, as fronteiras entre o tecido ficcional e referencial se misturam na tessitura narrativa, pois o sujeito empírico reorganiza o passado e procura dar-lhe sentido sob uma determinada perspectiva. O passado do menino entre os seus familiares, principalmente no convívio com os pais e os irmãos surge através do resgate da memória do escritor adulto. Ao descrever a insignificância do homem frente às circunstâncias da vida, o narrador apresenta-nos o primeiro contato da criança com as letras e a forma como ocorreram os episódios. De acordo com Jaime Ginzburg (2000), este livro “pode ser lido como romance, um conjunto de contos, e como elaboração ficcional de elementos da memória biográfica do autor. Considerando como unidade, contempla um período de amadurecimento da criança exposta como protagonista”<sup>2</sup>. Neste estudo demonstrarei a relação do menino com o mundo das letras, observando o processo de aprendizagem, de amadurecimento e de compreensão da linguagem através de uma experiência de muita dor e angústia.

O primeiro contato que o menino teve com as letras aparece no primeiro conto “Nuvens”. O contato se deu em uma Escola que servira de pouso para a sua família numa viagem que eles fizeram de Alagoas para o sertão pernambucano. O menino, que estava com uma idade entre dois e três anos, tem diante de si a imagem de uma sala de aula com um velho de barbas longas e os meninos que “seguravam folhas de papel e esgoelavam-se: - um  $b$  com  $a - b$ ,  $a: ba$ , um  $b$  com um  $e - b$ ,  $e: be$ ”<sup>3</sup>. É nesse instante que a criança sai da escuridão e começa a perceber as coisas ao seu redor, por isso ela guarda a imagem da sala de aula e de D. Maria lendo, de forma capenga, um longo romance de quatro volumes. A imagem do professor público que o menino vira quando ainda era bem pequeno não será esquecida, reaparecendo em vários momentos de sua infância.

O mundo das letras se torna incompreensível para o menino e, as experiências com os pequenos traços são marcadas por situações de angústias e de dor. No episódio narrado em “Fim do Mundo” a letra vai deixar a mãe, que era “grande e temerosa”, em estado de choque, demonstrando para o filho uma imensa fraqueza diante do texto que lia. A mãe, que lia periodicamente um romance de quatro volumes, procura substituir as aventuras romanescas pelos folhetos salesianos que eram distribuídos pelos correios. É nesse entretenimento cotidiano da leitura religiosa que a leitora se depara com algo inusitado, o menino que tudo observava relata a seguinte cena:

Purificando-se nessa boa fonte, minha mãe às vezes necessitava expansão: transmitia-me arroubos e sustos. Uma tarde, reunindo sílabas penosamente, na gemedeira habitual, teve um sobressalto, chegou o rosto no papel. Releu a passagem – e os beijos finos contraíram-se, os olhos abotoados cravaram-se no espelho de cristal. Certamente se inteirava de um sucesso mau e recusava aceitá-lo. (...) A pobre mulher desesperava em silêncio. Apertava as mãos ossudas, inofensivas; o peito magro subia e descia; limitando a mancha vermelha da testa, uma veia engrossava. (...) Afinal minha mãe rebentou em soluços altos, num choro desabalado. Agarrou-me, abraçou-me violentamente, molhou-me de lágrimas. Tentei livrar-me das carícias ásperas. Por que não se aquietava, não me deixava em paz?

A exaltação diminuiu, o pranto correu manso, estancou, e uma vozinha triste confessou-me, entre longos suspiros, que o mundo ia acabar. Estremeci e pedi explicações. Ia acabar. Estava escrito nos desígnios da Providência, trazido regularmente pelo correio”<sup>4</sup>.

Diante dessa situação, a criança duvida do fim do mundo e faz as suas reflexões, o narrador explicita sobre o fato o seguinte parecer: “Não percebendo o mistério das letras, achava difícil que elas se combinassem para narrar a infeliz notícia. Provavelmente minha mãe se tinha equivocado, supondo ver na folha desastres imaginários”<sup>5</sup>, e , não concordando com tamanho disparate anuncia que era “conversa: o mundo não ia acabar”, a mãe estranha a rebeldia do menino ao afirmar que: “os doutores conheciam as trapalhadas do céu e adivinhavam as conseqüências delas”<sup>6</sup>.

Como pode-se ver pelo fato descrito acima, a letra, que remete à lei e ao poder, estava restrita a poucas pessoas e se faz incompreensível mesmo para aqueles que sabiam ler. Pois, aprender ler e escrever, juntar, sílabas, ler sentenças não é tudo, por isso é “preciso também saber fazer uso do ler e do escrever, saber



responder às exigências da leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente – daí o recente surgimento do termo **letramento** (que, como já foi dito, vem-se tornando de uso corrente, em detrimento do termo **alfabetismo**)<sup>7</sup>. O alfabetizado: “vive em condições de saber ler e escrever” e o Letrado é aquele que faz: “uso das práticas sociais da leitura e da escrita, a uma adequada imersão no mundo da escrita”<sup>8</sup>. Ser *alfabetizado* não significa que o sujeito tenha adquirido as competências necessárias para lidar com a escrita e a leitura. Muitas vezes o alfabetizado não consegue desvendar os mistérios das letras e fica atordoado com os pequenos traços, aparentemente, inofensivos. E acredita naquilo que está lendo como verdade, sem procurar questioná-la, porque não possui competências para tal ato. No entanto, podemos perceber que o menino revela certa “maturidade” diante de determinadas situações que para o adulto são embaraçosas e incompreensíveis.

### *A letra e o conhecimento através da dor*

Em “Leitura” encontramos a representação da experiência vivida pelo menino que passa pelo processo da alfabetização de forma dolorosa. O menino narra com clareza o seguinte acontecimento:

Demorei a atenção nuns cadernos de capa enfeitada por três faixas verticais, borrões, nódoas cobertas de riscos semelhantes aos dos jornais e dos livros. Tive a idéia infeliz de abrir um desses folhetos, percorri as páginas amarelas, de papel ordinário. Meu pai tentou avivar-me a curiosidade valorizando com energia as linhas mal impressas, falhadas, antipáticas. Afirmou que as pessoas familiarizadas com elas dispunham de armas terríveis. Isto me pareceu absurdo: os traços insignificantes não tinham feição perigosa de armas. Ouvi os louvores, incrédulo.

Aí meu pai me perguntou se eu não desejava inteirar-me daquelas maravilhas, tornar-me um sujeito sabido como Padre João Inácio e o advogado Bento Américo. Respondi que não. Padre João Inácio me fazia medo, e o advogado Bento Américo, notável na opinião do júri, residia longe da vila e não me interessava. Meu pai insistiu em considerar esses dois homens como padrões e relacionou-os com as cartilhas da prateleira. Largou pela segunda vez a interrogação pérfida. Não me sentia propenso a adivinhar os sinais pretos do papel amarelo?<sup>9</sup>.

O pai, como mostra o episódio, tenta despertar a curiosidade do menino para “as linhas mal impressas, falhadas, antipáticas”. O narrador não deixa de colocar

em destaque que desconfiava da “liberdade” concedida pelo pai, principalmente por se tratar de uma pessoa “terrivelmente poderosa”, pois no ambiente familiar não existia o diálogo e liberdade para escolhas, prevalecendo sempre o autoritarismo patriarcal. O menino já sabia que coisa boa não viria daquilo.

Poder ser alguém em uma sociedade, para muitas pessoas sempre esteve ligado ao fato de ter conhecimento da *letra, ser letrado*. O pai tinha consciência da importância do poder que tinha a escrita, pois, em sua concepção, um homem letrado era um homem “sabido” que possuía armas terríveis, as letras. No entanto, o sujeito aprende a ler, mas não adquire, muitas vezes, a capacidade de fazer uso da escrita. Como aconteceu com o menino:

Certamente meu pai usara um horrível embuste naquela maldita manhã, inculcando-me a excelência do papel impresso. Eu não lia direito, mas, arfando penosamente, conseguia mastigar os conceitos sisudos: “A preguiça é a chave da pobreza – Quem não ouve conselhos raros vezes acerta – Fala pouco e bem: ter-te-ão por alguém.”

Esse Terteão para mim era um homem, e não pude saber que fazia ele na página final da carta. As outras folhas se desprendiam, restavam-me as linhas em negrita, resumo da ciência anunciada por meu pai.

- Mocinha, quem é Terteão?

Mocinha estranhou a pergunta. Não havia pensado que Terteão fosse homem. Talvez fosse. “Fala pouco e bem: ter-te-ão por alguém”.

- Mocinha, que quer dizer isso?

Mocinha confessou honestamente que não conhecia Terteão. E eu fiquei triste, remoendo a promessa de meu pai, aguardando novas decepções<sup>10</sup>.

Numa sociedade em que a divisão de renda e de lucros marcava-se pelas desigualdades, ser letrado significava possuir um *bem* que também não era comum a todos, nem mesmo daqueles que foram à escola e só aprenderam a soletrar as letras, sem saber o verdadeiro sentido daquilo que estavam lendo. O menino sentia uma angústia imensa diante das *malditas letras*, principalmente pelo fato de não conseguir desvendar os seus mistérios.

A letra, com os seus traços inofensivos, é descrita por Roland Barthes (1990) como um “objeto, aparentemente simples, fácil de identificar e de enumerar, é um tanto quanto diabólico: insinua-se em toda parte, e, principalmente em seu próprio contrário: é o que se chama um significante contraditório, um enantiosema”<sup>11</sup>. A letra “edita a lei”, mas por outro lado “libera incessantemente uma profusão de símbolos” e, é quem “mantém “cativa” a linguagem, toda a



linguagem escrita, na golinha de seus vinte e seis caracteres (para nós franceses) e esses caracteres nada mais são do que a combinação de algumas retas e de algumas curvas”<sup>12</sup>. O menino se sentia “atordoado” com as malditas letras e diz que:

a aprendizagem começou ali mesmo, com a indicação de cinco letras já conhecidas de nome, as que a moça, anos antes, na escola rural balbuciava junto ao mestre barbado. (...) Enfim consegui familiarizar-me com as letras quase todas. Aí me exibiram outras vinte e cinco, diferentes das primeiras e com os mesmos nomes delas. Atordoamento, preguiça, desespero, vontade de acabar-me. Veio o terceiro alfabeto, veio quarto, e a confusão se estabeleceu, um horror de quiproquós. Quatro sinais com uma só denominação. Se me habituassem às maiúsculas, deixando as minúsculas para mais tarde, talvez não me embrutecesse. Jogaram-me simultaneamente maldades grandes e pequenas, impressas e manuscritas. Um inferno. Resignei-me – e venci as malvadas. Duas, porém, se defenderam: as miseráveis dentais que ainda hoje me causam dissabores quando escrevo”<sup>13</sup>.

O pai, através de uma atitude autoritária, revela todo o seu poder quando resolve ensinar o seu filho a ler. Como o filho decide resistir ao processo de alfabetização recebe vários castigos. O menino, que a princípio acreditava que os “garranchos do papel” pudessem livrá-lo de pequenos deveres e castigos, descobre; entretanto, que as letras só serviam para atormentá-lo mais ainda. O narrador explicita a dor que sente o escritor ao aprender a “lição da vida” e “da leitura” por meio de uma aprendizagem árdua e muito dolorosa. Jaime Ginzburg (2000) aponta que, o “livro não tem qualquer ingenuidade com relação à representação da violência. A naturalidade no interior da família também está fora dela, ao redor, na cidade, na sociedade brasileira”<sup>14</sup>. As letras, com seus pequenos “traços insignificantes”, para a criança, podem revelar as suas “feições perigosas” para o sujeito adulto. A letra é aquela que “dita a lei”, significa “a censura extrema” e vários crimes são cometidos através dela. A letra é uma arma que puniu não só o menino durante a aprendizagem, mas o escritor adulto.

A aprendizagem das primeiras letras, que acontecera de forma autoritária e dolorosa para o menino, parece que seria aliviada quando o pai decide abandonar o ofício de professor, já que não conseguira ensinar o filho a leitura dos pequenos traços. No entanto, as ameaças de levá-lo para a escola aparecem como castigo e, o menino desabafa no conto “Escola”, quando definitivamente cumpre-se a

promessa do castigo. O ensino da cartilha, através de várias punições, provoca na criança medo, deixa marcas profundas no indivíduo que, na maioria das vezes, não consegue superar os seus traumas. O sujeito adulto explicita, através da narrativa, a sua incapacidade de superar os traumas da infância ao admitir que sentia dificuldade em lidar com as duas letras: t, d e com qualquer tipo de atitude que denotasse violência.

O menino luta com as letras, mas em vários episódios admitia não ser inteligente, pois não conseguia compreender as linguagens dos livros que lhes eram impostas pela escola e pelos pais. Começa a narrativa do conto: “Os astrônomos” da seguinte forma: “Aos nove anos, eu era quase analfabeto”, para justificar a incapacidade de entender aquilo que estava lendo e explicar a frustração que teve quando não satisfaz o pai com uma leitura perfeita. A escola e os pais obrigavam as crianças a lerem livros que possuíam uma linguagem acima do nível de compreensão e maturidade delas. Por isso, quando o menino não consegue compreender a história que estava lendo ele se sente “ignorante” e “infeliz” diante das malditas letras. A leitura aparece como um *exercício de punição*, o menino não consegue superar o medo de cometer erros, pois sempre haveria castigos para ele. O escritor Graciliano Ramos também não escapa das punições por utilizar as “malditas letras”. O passado e o presente se cruzam na narrativa que relata o “gotejar de sangue” e suor do menino que aprende a “lição” da cartilha e reproduz a angústia de um sujeito adulto que lida com as “malditas letras” e sofre a mais dura da punição com a prisão por ser um adulto “irreverente” e “rebelde”.

#### **A leitura como prazer**

O menino supera as dificuldades e vê na leitura um prazer no episódio “O menino da mata e o seu cão Piloto”. O prazer de ler surge diante dos olhos do menino com um “folheto de capa amarela e papel ordinário, cheio de letras miúdas, as linhas juntas, tão juntas que para um olho inexperiente os saltos e as repetições era inevitáveis”<sup>15</sup>. A leitura do livro é impulsionada pela “terrível



proibição, relativa à brochura de capa amarela”<sup>16</sup>, o objeto proibido desperta curiosidade na criança que resolve decifrar os enigmas do livro amarelo com a ajuda dos dicionários. O narrador descreve a descoberta e o prazer que a leitura provoca: “Arranjava-me lentamente, procurando as definições de quase todas as palavras, como quem decifra uma língua desconhecida. O trabalho era penoso, mas a história me prendia, talvez por tratar de uma criança abandonada. Sempre tive inclinação para as crianças abandonadas”<sup>17</sup>. A leitura, que se transformou em um exercício de prazer e de descoberta, é ameaçada pela culpa e pelas proibições da prima Emília, que apontava o folheto como obra de protestantes e sugestão do diabo.

Em toda a narrativa de *Infância* a criança passa por um processo de aprendizagem e amadurecimento interior, principalmente ao aprender lidar com as perdas e as dores. O momento de descoberta da leitura surge de forma mágica e prazerosa. O livro torna-se um “objeto de desejo” ao ser proibido, pois desperta curiosidade. Esse episódio pode ter sido um momento definitivo na vida do escritor Graciliano Ramos, porque mesmo tendo passado por um processo de aprendizagem dolorosa na infância, consegue superar os seus traumas interiores e domar as “malditas letras” que o deixara angustiado na infância.

A experiência com a leitura não aparece na vida do escritor como um prazer, mas, sim, como uma “tortura”; no entanto, o escritor aprende a duras penas as “letras” e se torna um escritor que está em constante luta com as palavras, pois está sempre preocupado com o trabalho da escrita. Com o uso das letras liberta a sua alma angustiada, luta em favor dos excluídos, que são silenciados pelo autoritarismo das instituições sociais, e executa o seu papel de sujeito crítico na sociedade brasileira. Acredito que, o fato de ter passado pela experiência dolorosa de não compreender os textos de muitos escritores faz com que o escritor Graciliano Ramos escreva um texto literário que possa ser lido e compreendido pelos seus leitores e, também, nos ensina que a leitura deve produzir prazer no leitor e que a recepção de determinadas obras requer certa maturidade para lê-la e compreendê-la de. E que também pode existir mistério e sedução nos pequenos “traços do alfabeto”, pois o leitor poderá mergulhar no mundo imaginário das

letras com alegria e prazer. Com isso, cabe aos pais e professores conduzirem as leituras efetuadas pelas crianças, tendo o máximo de cuidado na seleção de textos adequados que deverão ser lidos em cada etapa da aprendizagem da leitura e escrita, principalmente no momento da alfabetização da criança.

## ***BIBLIOGRAFIA***

- CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- BARTHES, Roland. *O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III*. Trad. de Lea Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. 93-116.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- BRANCO, Lúcia Castelo, BRANDÃO, Ruth Silviano (orgs.). *A força da letra: estilo e representação*. Belo Horizonte: Editora UFMG, PosLit – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários - FALE/UFMG, 2000.
- CECCANTINI, João Luís C. T. (org.). *Leitura e literatura infanto-juvenil – memória de Gramado*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis, SP: ANEP, 2004
- COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: Editora da UFF, 1986. v.5.
- GINZBURG, Jaime. Graciliano Ramos: Infância e violência. *Expressão – Revista do Centro de Artes e Letras*. Santa Maria, UFSM, n.1, p.129-132, v.1, jan/jun.2000.
- JOZEF, Bella. “(Auto)biografia”: os territórios da memória e da história. In: LEENHARDT, Jacques, PESAVENTO, Sandra Jatahy. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998. p.295-306.
- LAJOLO, Marisa. *O mundo da leitura para a leitura do mundo*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2000.
- LAFETÁ, João Luiz. *1930: a crítica e o modernismo brasileiro*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2000. (Coleção Espírito Crítico).
- MARTINS, Maria Helena. *O que é a leitura*. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1992.



MOURÃO, Rui. *Estruturas: ensaios sobre o romance de Graciliano Ramos*. 3.ed. ver. ampliada. Curitiba: UFPR, 2003.

RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1995.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

VERDI, Eunaldo. *Graciliano Ramos e a crítica literária*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1989.

### Notas:

---

<sup>1</sup> Dr<sup>a</sup> em Literatura Comparada pela UFMG e professora de Teoria da Literatura e Literaturas de Língua Portuguesa no Departamento de Letras da Universidade Estadual de Montes Claros.

<sup>2</sup> GINZBURG, 2000, p.129.

<sup>3</sup> RAMOS, 1995. p. 8.

<sup>4</sup> RAMOS, 1995. p. 64-65.

<sup>5</sup> RAMOS, 1995, p.66.

<sup>6</sup> RAMOS, 1995, p.69.

<sup>7</sup> SOARES, 2001, p.20.

<sup>8</sup> SOARES, 2001, p.21.

<sup>9</sup> RAMOS, 1995, p.95-96.

<sup>10</sup> RAMOS, 1995, p. 99.

<sup>11</sup> BARTHES, 1990, p.93.

<sup>12</sup> BARTHES, 1990, p.93.

<sup>13</sup> RAMOS, 1995, p.96-97.

<sup>14</sup> GINZBURG, 2000, p.130.

<sup>15</sup> RAMOS, 1995, p. 199.

<sup>16</sup> RAMOS, 1995, p.200.

<sup>17</sup> RAMOS, 1995. p.200.